

RESENHA

**A Demolição do Homem: Crítica à Falsa Religião do Progresso.**  
**Konrad Lorenz. Editora Brasiliense. São Paulo. 1986. 225 p.**

Num livro interessante e gostoso, Konrad Lorenz, prêmio Nobel em Medicina e Fisiologia, relata a sua visão acerca do comportamento animal e humano. A sua experiência como etólogo é fascinante e, com efeito, ele a utiliza para lançar um alerta, ora pessimista ora otimista, acerca dos perigos pelos quais passa a humanidade.

O combate aos "historicistas" (conceito extraído de K.R. Popper) é constante e fica evidenciado que o futuro do homem não pode ser previsto. Com efeito, ao próprio homem fica a responsabilidade de gerenciar o seu destino: "temos que enfrentar corajosamente a dura realidade de que a nossa cultura não é protegida por alguma predestinação cosmogônica; precisamos deixar bem claro o fato de que é ao próprio homem que cabe a responsabilidade de proteger a sua cultura tanto de desastres como também da fossilização" (pág. 61). A idéia de que o progresso pode trazer soluções para qualquer tipo de problema é falsa e pode induzir a uma decadência dos valores humanos.

Para explicar a natureza humana, Lorenz, com muita sabedoria, lança mão de exemplos de comportamento animal - que também teriam alma! Às vezes os relatos são curiosos e repletos de antropomorfismos: "... o parto causa grandes dificuldades aos cetáceos, os únicos mamíferos que jamais vão à terra e por isso obviamente também têm que parir dentro d'água. O perigo evidente de que o neonato venha a afogar-se é evitado, no caso das baleias, por procedimentos instintivos altamente interessantes; uma outra fêmea, amiga (e muito frequentemente filha adulta) da parturiente, já se apresta durante o nascimento para receber o filhote e, assim que este aparecer, levá-lo à superfície para a primeira respiração. Para tanto, ela equilibra o bebê sobre a sua cabeça, e isso mantendo-o já na posição correta para elevar o seu orifício respiratório (o "espiráculo") acima da superfície" (pag. 37).

Uma outra história saborosa, extraída de Jane Lawick-Goodall, é aquela em que uma "fêmea chimpanzé permaneceu dias a fio junto à sua

mãe moribunda, espantando as moscas que enxameavam ao seu redor. Quando a mãe morreu, debruçou-se sobre o seu peito como a auscultá-lo, e depois deixou o cadáver, provavelmente porque não mais ouviu um batimento cardíaco" (pag. 200).

O estilo de Lorenz é todo próprio e em nada se compara aos estilos dos etólogos atuais, em que se nota uma busca pela quantificação e extremo zelo pela objetividade. O seu humor é constante e contribui para tornar o texto agradável. Para ilustrar a discussão sobre percepção de imagens e formação de Gestalt, Lorenz relata uma historinha que ouvira quando era criança: o rei do Sião (hoje Tailândia) foi convidado pelo imperador Francisco José para assistir na Ópera da Corte (um convite muito especial naquele tempo) à representação da ópera de Wagner. Ao término, foi perguntado ao ilustre visitante acerca da parte que mais lhe agradara. O monarca prontamente respondeu que foi a parte logo no início. Mais tarde descobriu-se que ele não se referia à solene Abertura, mas sim à afinação dos instrumentos da orquestra!

Lorenz lança críticas injustificadas aos behavioristas, imaginando que estes vêem os animais e os homens como se fossem caixas pretas, que respondem a estímulos como responderiam a um mero pressionar de botões, e desprovidos de espontaneidade. Logo em seguida, de forma equivocada, relata que um dos méritos de S. Freud - que não é citado nas referências - foi ter percebido a geração espontânea dos estímulos, que se lançam de dentro para fora com grande pressão, num momento em que a escola de Sherrington, que valorizava os reflexos, e o behaviorismo (a "psicologia dos estímulos") gozavam de grande prestígio. Isto não é correto. O germe da psicanálise (os "Estudos Sobre a Histeria", escrito em 1885 por J. Breuer e S. Freud) antecedeu em muito o behaviorismo - "A Psicologia Como o Behaviorista a Vê", o marco do behaviorismo, escrito por J.B. Watson, só surgiu em 1913. Além disso, o behaviorismo, um manifesto contrário ao mentalismo da época, só alcançou maior prestígio a partir de 1938, com a publicação de "O Comportamento dos Organismos", do notável psicólogo B.F. Skinner.

No tocante às referências bibliográficas, notamos que grande parte dela é anterior à década de 60, apesar do livro ter sido escrito em 1983. Uma bibliografia mais atualizada seria útil no momen-

to em que, por exemplo, se discute evolução cultural, ou "psicossocial", e evolução filogenética. O autor estabelece uma distinção entre as duas e acredita que a primeira ocorreria muitíssimo mais rápido que a segunda. Seria interessante discutir esta questão à luz da sociobiologia, em que autores atuais mostram que a cultura pode estar a serviço dos genes.

Por último, a tradução está muito boa e repleta de notas esclarecedoras. Entretanto, alguns pontos devem ser colocados: stress deveria ser traduzido para estresse, pragung, do alemão, para estampagem, que é a forma mais usual entre os etólogos brasileiros, invés de impregnação ou doutrinação. Anemia fauciforme deve ser substituído para anemia falciforme, que é a forma correta. Além disso, é mencionado, na última página do livro, que o autor recebeu o prêmio Nobel de Medicina e Psicologia, quando na realidade o prêmio recebido foi o Nobel em Medicina e Fisiologia, como foi dito de forma correta na "Apresentação" do livro.

Rogério G. Guerra

Depto. de Psicologia - UFSC